

GUIA EXPOGRÁFICO .

Matéria Difusa

UM OLHAR SOBRE A COLEÇÃO MACRS
RECORTE CORPORIFICAÇÕES

curadoria
GABRIELA MOTTA

Coordenação: Profa Dra Janice M. Appel
Estagiária: Mariana Penha - Arte-educadora ILA-FURG
Bolsista EPEC Cultura: Gabryel Muniz



A Secretaria de Estado da Cultura, por meio do Museu de Arte Contemporânea - MACRS, e a Associação de Amigos do Museu - AAMACRS apresentam a exposição "Matéria Difusa – Um olhar sobre a coleção MACRS recorte corporificações", a partir do dia 10 de junho, às 19h, na Galeria Espaço Incomum da Universidade Federal do Rio Grande. Sob curadoria de Gabriela Motta, a mostra faz parte das comemorações dos 30 anos do Museu.

Com base na noção de materialidade difusa, foram estabelecidas pela curadora três perspectivas interrelacionadas, acentuando temáticas e conceitos partilhados por diferentes artistas: Língua-viva, Imagem e Corporificações. Destas, será apresentado, em Rio Grande, somente Corporificações, na qual se encontram trabalhos em que podemos perceber uma investigação tanto sobre identidade, gênero, migrações, fantasmagoria, quanto sobre as relações entre sujeito e objeto. De algum modo a ideia de corpo — humano ou animal — abriga desejos, mistérios e frustrações, matéria central das obras reunidas no recorte.

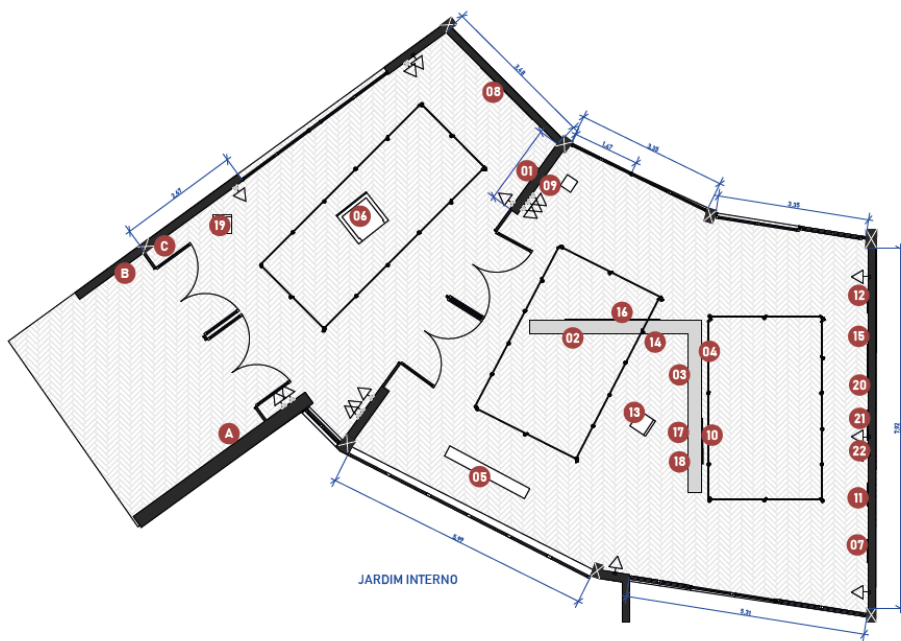
Rio Grande é a segunda das seis cidades do interior que irão receber a exposição ao longo deste ano. Ao término do percurso, já em 2023, Matéria Difusa será finalmente exibida em sua totalidade na tão aguardada sede definitiva do MACRS, em Porto Alegre.

- Visitação: de segundas a sextas-feiras, das 10h às 13h e das 14h às 20h na Galeria Espaço Incomum, da FURG — Campus Carreiro, Centro de Convivências.

Orientações a serem seguidas check-in:

- Proibida a entrada de alimentos
- Proibido tocar nas obras
- Devido à pandemia, a lotação máxima que a Galeria deve atingir é de no máximo dez pessoas.
- Recomendamos que higienize as mãos com álcool gel no totem na entrada da Galeria.
- Manter-se na galeria durante o horário estipulado para sua escala.
- Em dias de chuva manter as janelas fechadas, para que não haja risco de molhar as obras e a Galeria.
- Nos dias de chuva, caso haja goteiras na Galeria, favor colocar a placa no hall de entrada, a qual informa que "A Galeria está em manutenção" .
- Relembrar os visitantes, sempre que possível, para assinarem no caderno de presença , para que possamos ter o controle de visitaçãõ.
- Pedimos aos voluntários que guardem seus materiais, como por exemplo: mochila no armário, ao lado do palco, o qual será disponibilizado exclusivamente para os materiais dos voluntários e do vigilante.

Localização de cada obra



PASQUAL

1. ÂNGELO VENOSA
2. LUISA BRANDELLI
3. CLÁUDIA BARBISAN
4. DAVID CECCON
5. DANIEL ACOSTA
6. ELAINE TEDESCO (1)
7. JULHA FRANZ
8. ISABEL RAMIL
9. JADER SIQUEIRA
10. LETICIA LOPES
11. JULIO CASTRO
12. ELAINE TEDESCO (2)
13. LUCIANO ZANETTE
14. BRUNO NOVELLI
15. LUIZ ROQUE
16. MARCELA TIBONI
17. NARA AMÉLIA
18. NARA AMÉLIA
19. TETI WALDRAF
- 20, 21, 22. VIVIANE

A SEGUIR DEPOIMENTOS E INFORMAÇÕES NUMERADOS SOBRE OS TRABALHOS/ARTISTAS DA EXPOSIÇÃO, JUNTO A IMAGEM DE SUAS RESPECTIVAS OBRAS



01

Ângelo Venosa
Sem título, 1993
Dentes e chumbo
7 x 26 x 2 / 3,5 x 19,5 x 2 / 2,5 x
24 x 2 cm
tríptico

Ângelo Venosa – sem título, 1993 – dentes e chumbo

Carioca, Angelo é sobretudo escultor, suas obras envolvem a proposição de formas orgânicas e grotescas –O trabalho do artista tem forte relação com o universo simbólico e pode ser visto numa perspectiva da finitude e da transformação.

<https://angelovenosa.com/>



02

Luisa Brandeli
América (Anitta), 2018
Fotografia sobre papel
117,5 x 77,3 cm

Luisa Brandeli- América (Anitta), 2018 Fotografia sobre Papela

Depoimento de Luisa Brandelli: Eu utilizo no meu trabalho esses dados de cultura que podem ser chamados de símbolos identitários. Sempre olhei para essas imagens e elas sempre me incomodaram por perceber uma ambiguidade e uma dúvida sobre quem esses símbolos estão falando, para quem e de quem não se está falando. Nesse ponto já apareceram no meu trabalho repetidas vezes a paisagem e turismo, o cristianismo católico ou evangélico e a sexualidade a partir da mulher

gostosa. Eu trago pra dentro desse espaço privilegiado da arte, por permitir discussão e pensamento, imagens que no uso comum se comunicam pontualmente pelo desejo e que, a princípio, não propõe reflexões (que é o uso do corpo gostoso na cultura). Eu sempre enxerguei a Anitta como um super dado de cultura brasileira, principalmente porque ela inverte a mulher gostosa coadjuvante das bandas (por exemplo, É o Tchan) e vira uma protagonista. Sem deixar de ser gostosa. E aí fica o jogo de reiterar a imagem do padrão de gostosa (e todo seu histórico e implicações), mas sendo dona da sua imagem...Esse trabalho específico é: um recorte e ampliação de uma foto da Anitta em um show usando uma roupa de mulher maravilha, por isso o padrão da bandeira dos Estados Unidos. A bunda brasileira com a bandeira. Isso adiciona uma outra camada que é a relação de admiração e desejo pela cultura "ocidental" norte americana e europeia na nossa própria.



03

Cláudia Barbisan
Vegetação em polvorosa, 2008
Acrílica e pastel oleoso sobre
película lenticular
19 x 23 x 7,2 cm

Cláudia Barbisan – vegetação em polvorosa, 2010

Nasceu em 1964 em Porto Alegre, RS, Brasil. Começou a trabalhar com pintura e desenho em 1989. Dentre as muitas participações em exposições no Brasil e no exterior, Cláudia teve destaque em: -13º Salão Nacional de Artes Plásticas, Rio de Janeiro, (1994) -5º Bienal de Artes Plásticas Chile (1995) Recebeu muitos prêmios dos quais destaca-se: Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, Prefeitura de Porto Alegre, por sua exposição “Vem me Ver” no Espaço Cultural ESPM-Sul (2009). Faleceu precocemente em 2015.



04

Davi Ceccon
Triade, 2016
Acrílica sobre tela
88,5 x 69 cm

David Ceccon – triade, 2016 – acrílica sobre tela

A obra foi desenvolvida para uma exposição na República Checa. Na época, o artista estava pensando a pintura como empilhamento de cores, como se o acúmulo de cores individuais pudesse resultar em uma mistura – as três faces sugeridas no centro da pintura representam indígenas, afrodescendentes e portugueses (mesmo que isso não fique visível para o espectador) sugerindo esse "acúmulo" de origens para um mesmo corpo – brasileiro.



05

Daniel Acosta
Rio Grande, RS, Brasil, 1965
Sem título, 1991
Madeira compensada e cimento
10 x 50 x 215 cm

Daniel Acosta – Sem título, 1991 – madeira compensada e cimento

Nessa época, bem no início da trajetória do artista, Daniel realizou alguns trabalhos planos, quase rentes ao chão, como contraposição à ideia de verticalidade da escultura. Podemos ver também em seu trabalho referências de arquitetura e de ornamentos de arquitetura religiosa. Ele desenvolveu aproximadamente 5 trabalhos utilizando cimento e madeira. Nesse caso, a peça de madeira recebe diretamente o cimento até sua secagem. Percebe-se na obra do artista um vocabulário visual formado a partir da linguagem

da realidade – arquitetura, religiosidade, mobiliário urbano – não há invenção de nenhuma forma, tudo vem de algo que existe. A partir disso, constrói objetos escultóricos/ figuras meio híbridas, entre mobiliário urbano, arquitetura e ornamento arquitetônico.



06 Elaine Tedesco
Da série: Aparatos para o sono,
1993
Nylon, feltro, metal e penas
200 x 50 x 30 cm



12 Elaine Tedesco
Cabine Nicho, 2000
Instalação
210 x 84 x 82 cm

Elaine Tedesco – Cabine e Aparatos para o Sono, 1993 – nylon, feltro e metal

Apresentação da artista: as Cabines são dispositivos criados para funcionarem como espaços de refúgio, pensados para abrigarem o visitante em um ambiente restrito com características de confinamento. Aparatos para o sono: trabalhos feitos com tecidos, espuma, penas, tubos e fios de

cobre e outros materiais. Eram confeccionados na dimensão do corpo humano, tendo formas que tinham como referência objetos para uso em torno do corpo quando este está deitado na cama: travesseiro, edredon, saco de dormir, colchão. Considerava que tais trabalhos estivessem em um estado entre estar dormindo e estar acordado: sono solto, sono leve, sono cheio, sono estival, sono das plantas, sono hibernal, sono dos mortos, pegar no sono.



07 Julha Franz
P0rntech, 2019
Video, 4'21

Julha Franz – porntech, 2019 – vídeo 4'21''

Trabalho produzido num momento em que a artista está interessada em pesquisar noções de gênero e performatividade de gênero. Me interessa na obra a ideia de contaminação - entre corpos, mas também entre corpos e máquinas, entre meio e mensagem, entre quem vê e quem é visto - fluidos corporais, tecnológicos, digitais, simbólicos, etc.

<http://www.alguemavisa.com.br/2020/12/10/a-performance-e-o-corpo-queer-com-julha-franz/>



08 **Isabel Ramil**
Coca Cola Éra Éra, 2011
Video SD, 16:9, cor, som, 2'30

Isabel Ramil – Coca cola, era era -

O trabalho da Isabel envolve uma reflexão ácida e irônica sobre a ideia de tradição em relação ao universo gaúcho. Muitas vezes performa situações nas quais aborda questões como masculinidade, feminilidade, força, tradição, machismo, gauchismo, etc. Ver obras como Os cabelos da China, Galinha, coca-cola era era, etc. A artista, por trabalhar com nudez, é sempre banida de plataformas como o vimeo ou o YT. <http://cargocollective.com/isabelramil>



09 **Jader Siqueira**
Porto Alegre, RS, Brasil, 1928 – Porto Alegre, RS, Brasil, 2007
Composição de Elementos, 1987
Resina de poliéster com pó de mármore e sucata, 81 x 40 x 23 cm

Jader Siqueira Pintor, ceramista e escultor. Pelotas, 1928 – 2007

Foi aluno de Aldo Locatelli na escola de Belas Artes de Pelotas. Mais tarde estudou pintura com Iberê Camargo, cerâmica com Luísa Prado, xilogravura com Danúbio Gonçalves e escultura com Bruno Vicentin. Artista premiado em salões e com diversas exposições individuais e coletivas. Foi diretor do MARGS entre 1979 e 1980. Fonte: Dicionário de Artes Plásticas no Rio Grande do Sul / Renato Rosa e Décio Presser – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1997. A singularidade do escultor e pintor Jader Osório de Siqueira pode ser medida por sua doação e espiritualidade e mais ainda pelo respeito que seus pares lhe dedicaram. Artesão no melhor sentido, teve sólida formação artística iniciada (e concluída) em Pelotas, sua terra natal, pelas mãos de Aldo Locatelli. Em cinquenta anos de trabalho, Jader percorreu desde a rigorosa disciplina acadêmica, passando por longos períodos dedicados à cerâmica e à pesquisa com novos materiais. Utilizou em seus trabalhos desde pregos além de outros inusitados objetos na composição de suas pinturas, assim como uma rigorosa vibração óptica e cromática. Mas a projeção deu-se através de esculturas modulares onde materiais industriais ganharam nova e digna linguagem. Jader Siqueira é um valor que soma – e muito – à arte gaúcha. Seu legado é sua obra e ela merece constante admiração.



10

Leticia Lopes
A máscara da noite no espelho em dia de análise, 2019
Acrílica e Spray sobre tela
60 x 49,5 cm

Leticia Lopes – A máscara da noite no espelho em dia de análise, 2019 – acrílica e spray sobre tela

Depoimento de Leticia Lopes: essa pintura aconteceu durante uma fase da minha pesquisa em que apareciam muitas máscaras no painel de referências imagéticas. Entendia que esse interesse era, e acho que ainda é diretamente vinculado à maneira como me relaciono com o mundo através da atividade de pintar - ou seja, interpreto minha pintura como máscara de mim mesma.

Para dobrar essa aposta, na época e ainda hoje, misturei imagens de máscaras gregas antigas, com imagens de pinturas contemporâneas de máscaras, bustos, e também estátuas. Nesse mélange, levei todo mundo pra análise.



11

Julio Castro
Verdadeira grandeza, 2008 - 2017
Série Passagem
Fotografia sobre papel
60 x 50 cm

Julio Castro – Verdadeira Grandeza, 2008-2017 – fotografia

Depoimento do artista sobre a obra Verdadeira Grandeza: Esse trabalho surgiu em função de uma exposição que participei no Atelier da Imagem no Rio. Os artistas convidados foram convocados naquele momento a produzirem autorretratos em fotografia. Minha proposta foi uma tentativa de fusão entre a minha figura e a de meu pai, na época já falecido. Na sobreposição alinhei olhos e fiz 1% de transparência a cada passagem, gerando a sequência das 100 miniaturas. Busquei as semelhanças físicas entre pai e filho e também a ideia da passagem do tempo, já que partia também de uma foto de um documento 3x4 de meu pai e uma minha produzida em um lambe lambe quando passei por Porto Alegre numa viagem (moro no Rio). Em 2002 estava em POA e fazia uma exposição na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo no IA. Ao ler no jornal que o último fotógrafo lambe-lambe, que tinha seu ponto na Praça XV iria parar de trabalhar por falta de clientela, me veio à memória o tempo em que meu pai e meu irmão faziam fotos ali, ao ar livre e naquele padrão. No dia seguinte fui até lá e pedi a ele que fizesse 4 clicks comigo dando um giro na frente da câmera. De frente, de lado, de costas e de lado novamente.

Pensava com isso em produzir um trabalho que juntasse tempo e espaço - por isso o Chalé ao fundo. Anos depois escolhi a foto frontal para montar Verdadeira Grandeza.

Importante dizer que esse trabalho foi gerador de algumas séries. Primeiro produzi *Passagem* quando transformei 5 das miniaturas em obras maiores em stencil e monotipia, depois *Autorretrato em 4 tempos* em stencil em grande escala - nesse caso uma retomada da ideia original do giro em frente à câmera. <https://www.instagram.com/p/CNxFNDBp9Vy/>

Desde 2020 trabalho na série Retratos de Ninguém, quando dessa vez entram em jogo figuras anônimas. <https://www.instagram.com/p/CWLOog0FhvH/>



13

Luciano Zanette
Esteio, RS, Brasil, 1973
Para Um, 2012
Madeira, pigmento e cera, 180 x
43 x 43 cm

Luciano Zanette – Para um, 2012 – Madeira, pigmento e cera

Depoimento Luciano Zanette: *Para um* é uma escultura construída por mim com sarrafos de madeira. Partindo da tipologia de uma cadeira e da ideia de unidade - de uma cadeira que pode receber um corpo de uma pessoa por vez, se nós pensarmos no uso mais corriqueiro da cadeira. A escultura toma emprestada a forma de uma cadeira, mas uma cadeira que não foi feita para sentar, pois não possui o funcional assento e ao mesmo tempo possui uma espécie de porta, onde o espaço vazado do portal possui a minha altura e largura. Usei o meu corpo como escala para essa abertura da cadeira. Penso que incluí esse caráter pessoal na origem da peça, mas este aspecto não é perceptível/identificável pelo público. Entendo que esse vínculo de origem se perde quando a escultura está no espaço expositivo. Quando pensei no trabalho e escolhi a sua forma final estava às voltas com ideias de ausência, vazio, desaparecimento e passagem, termos que para mim estavam vinculados às noções de melancolia, distanciamento, separação, finitude e solidão. Nessa cadeira que construí com minhas mãos não é possível de se sentar como em uma cadeira convencional, não é possível descansar, não é possível se deter com tempo - talvez seja uma espécie de cadeira de passagem. Mas é possível oferecer ao público a possibilidade de, por um tempo, entrar na cadeira, se alguém assim desejar. Com isso eu pensava que ao subtrair uma possibilidade de ação habitual (sentar, parar, descansar), eu poderia apresentar outro tipo de experiência sensível e simbólica, de poder estar, não sobre, mas dentro uma cadeira.

Excetuando a inclusão da “porta”, escolhi manter as demais medidas e proporções de uma cadeira média comum ocidental e com isso só caberia uma pessoa por vez, por isso o título *Para um* (corpo/sujeito). Mas se pensarmos no espaço ao redor da escultura, a pessoa que resolve entrar na cadeira acaba por oferecer uma imagem inusitada para todos os demais visitantes que estão presentes no mesmo espaço, então a experiência visual pode ser também para os demais presentes no espaço expositivo. *Para um* é vertical, permite que se entre dentro da cadeira com o corpo, mas também é uma estrutura visualmente aberta, o olhar atravessa as mínimas e delgadas peças de madeiras da escultura, não há um dentro protegido por paredes ou planos opacos e inacessíveis.

Para um foi concebida em contexto com os demais trabalhos da exposição individual *Que a Distância nos Guarde*, que foi uma exposição de caráter bastante pessoal, por isso as medidas usadas para as “portas” ou outros elementos das peças foram ainda baseadas em minhas medidas na época. Atribuo a escolha pela redução de elementos e informações presentes em *Para um* - e nos demais trabalhos que realizei nesse período - à intenção de indicar uma espécie de clareza visual quanto à escala humana e as tipologias de mobiliários e de elementos de arquitetura representadas: cadeiras, casas, escadas, corrimãos/guarda corpos, marcos (batentes) de portas, mesas, camas, genuflexórios, barreiras (barricadas militares).

Bruno Novelli – sem título, 2017 – acrílica sobre tela

A obra de Bruno Novelli tem referências no universo dos seres das florestas e sua relação com povos indígenas e suas mitologia

Luiz Roque – Gêmeas, 2011 – fotografia



15 Luiz Roque
Gêmeas, 2011
Fotografia sobre papel
46 x 45,8 cm, diptico

Depoimento do artista: Essas fotos fazem parte de um filme que fiz em meados dos anos 2000 e que tinha uns screenshots. Eu percebia uma similaridade nas ambiguidades dessas figuras, uma mulher com traços masculinos, uma amiga em transição de gênero; uma pessoa branca outra negra, enfim, algo fluido, entre corpos, que tangencia questões identitárias de modo altivo.



16 Marcela Tiboni
Sem Título, sem data
Estudo para desenho de corpo feminino, 2006
Impressão Digital sobre PS
92 x 69,5 cm (cada) tríptico

Marcela Tiboni – Estudo para desenho do corpo feminino, 2006 – impressão digital sobre OS

Depoimento da artista sobre o trabalho: ESTUDOS PARA DESENHO DE CORPO FEMININO surgiu de uma observação pontual de que a História da Arte era composta por majoritariamente artistas homens, porém recheada de registros de corpos femininos.

Coube aos homens desenhar a mulher. Coube ao homem sexualizar e tornar nu o corpo feminino. Neste trabalho eu me torno artista que desenha no corpo, como a fim de traçar suas linhas bases para rascunhar um corpo feminino, me torno a fotógrafa que registra este corpo, e me torno também modelo da obra. Também vem de um olhar contemporâneo, qual é a mulher bonita, perfeita, sexual? Que corpo ela deve ter? Magro, alto, sem celulites, sem estrias? Quais os traçados de uma cirurgia plástica? O que almeja um cirurgião plástico ao traçar as linhas no corpo feminino nu antes de realizar seu trabalho de tornar estes corpos perfeitos? Entre a arte e a realidade fica a sensação de que o corpo feminino nunca é perfeito, sempre idealizado, sempre em conquista de ser o mais perfeito possível para o padrão masculino de cada época.



17 Nara Amélia
Três Passos, RS, Brasil, 1982
EC I, XIV, 2013
Água-forte e ponta seca sobre
papel, 60 x 47,2 cm



18 Nara Amélia
Três Passos, RS, Brasil, 1982
Portador de Marcas, 2012
Gravura em metal, aquarela e
douração sobre papel, 49,2 x 45,
cm

Nara Amélia – Portador de marcas, 2012 – gravura em metal, aquarela e douração sobre papel e EC IXIV, 2013 – água-forte e ponta seca sobre papel

Depoimento da artista: Sobre as gravuras “Portador de marcas” e “Ec I, XIV” As gravuras “Portador de marcas” e “Ec I, XIV” têm uma estrutura semelhante

entre si e também ao meu trabalho como um todo,

como associação de elementos materiais, técnicos e simbólicos que reportam à tradições de representação da natureza como metáfora da cultura. O processo parte do desenho e elaboração do projeto no qual justapondo personagens animais, humanos, vegetais e híbridos em composições que remetem à ilustração literária, à fábula, referência reforçada pelas relações entre imagem e texto, inscrito como imagem e legenda. O desenho torna-se múltiplo através de processos tradicionais da gravura em metal — a água-forte, que proporciona precisão e detalhamento minucioso; o buril e a ponta-seca, que intensificam os contrastes e são propícios à representação da textura densa dos pêlos, como os dos cães siameses da gravura “EC I, XIV”, por exemplo. Além do interesse pelas qualidades materiais, formais e evocativas específicas da gravura, o múltiplo me interessa pela possibilidade de impressão da mesma imagem em diferentes suportes, sobretudo em suportes apropriados, páginas envelhecidas de livros antigos, papéis especiais que evidenciam a sua memória. Cada impressão recebe tratamentos diferentes com aquarela, douração, bordado e montagens com elementos materiais apropriados. Neste processo, a repetição instaura uma diferença e o múltiplo se torna particular. O enunciado de “Portador de marcas” reporta à moralização da natureza, a representação do animal como metáfora do humano e à sua justificação como portador de mensagens destinadas ao homem e sobre o homem. Neste sentido, meu universo de referências está nas fábulas, nas mitologias, na literatura fantástica e nas diversas representações simbólicas da natureza. Não há uma fonte de referências diretas. Muitas imagens são evocativas da minha infância no ambiente rural da casa dos meus avós, seus animais, suas práticas e suas crenças. Por outro lado, as imagens surgem, às vezes, das minhas experiências de leitura, especialmente da literatura de ficção e poesia. Não como ilustração, mas como metáfora, como imagem de imagem, como meio de materializar uma ideia, uma sensação ou uma impressão ainda obscura causada pela leitura. Na minha pesquisa de doutorado refleti sobre o conjunto do meu trabalho como Alegorias do Estranho. A ideia de alegoria parece descrever o processo de justapor imagem e texto, animal

e humano, memória particular e coletiva, em imagens que parecem sugerir um significado oculto, como se cada elemento fosse uma chave para decifrar um enigma. O significado é incerto, eu mesma não o conheço, e essa incerteza evoca o estranho — uma sensação daquilo que fica no limiar da nossa compreensão, entre o que nos parece novo mas, também, familiar, entre o que conhecemos e ignoramos, memória e esquecimento.

Teti Waldraff – deleitar-se um pouco com os brilhos, 2000 – tecidos, plásticos e carrinho de metal

A obra de Teti Waldraff faz relação com as organizações aleatórias dos passantes, pedintes, andarilhos, acúmulos e sobreposições que redimensionam nossas percepções sobre os sujeitos, suas especificidades, segredos e universos particulares.



20 Viviane Pasqual
Sem Título, 2014
Caneta hidrocolor, lápis de cor amarelado, caneta gel metálica sobre papel
44 x 31,1 cm



21 Viviane Pasqual
Sem título, 2014
Grafite, lápis aquarelado, caneta hidrocolor e caneta gel glitter sobre papel
43,5 x 30,7 cm



22 Viviane Pasqual
Sem título, 2014
Grafite, lápis aquarelado, caneta hidrocolor e caneta gel glitter sobre papel
43,5 x 30,7 cm

Viviane Pasqual – sem título, 2014 – grafite, lápis aquarelado, caneta hidrocolor e caneta gel.

Trecho do artigo de Eduardo Veras sobre a série de retratos de imigrantes de Viviane Pasqual: “...Mais recentemente, em maio de 2016, em

entrevista ao jornal O Pioneiro, o próprio prefeito de Caxias do Sul pronunciou-se: “Vem esse bando de imigrantes, e a prefeitura tem de dar trabalho e comida pra todo mundo? Não é assim”.

Para se contrapor a um manifesto em que representantes dos imigrantes senegaleses se queixavam ao Senado da falta de apoio institucional em Caxias, o mandatário ainda ponderou: “Está tudo normal [na cidade]. Esses tempos mesmo fui fazer uma intervenção cirúrgica no Hospital Pompéia e tive de esperar uma haitiana ser atendida”. Em entrevista ao site Novos imigrantes em Caxias, criado por alunos do curso de Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul, um jovem imigrante senegalês, dono de pequena gráfica expressa no centro da cidade, sintetiza o tipo de acolhida que ele encontrou na



19 Teti Waldraff
Deleitar-se um pouco com os brilhos, 2000
tecidos, plásticos e carrinho de metal
86 x 55 x 31 cm

região serrana do estado: “Nunca vi tanta gente preconceituosa como vi aqui. As pessoas olham para os outros pelo dinheiro. Se tem dinheiro, é aceito como caxiense. Isso não faz bem para um país”. É nesse contexto de recepção à retomada migratória que desponta com interesse – e na contramão – uma série de desenhos, sem título, de autoria de Viviane Pasqual. A artista, que nasceu em Caxias do Sul (1966), onde também vive e trabalha, começou a retratar em 2014 os negros que vinham atuando no comércio informal da Praça Dante Alighieri, no centro da cidade, sobretudo os senegaleses. Os desenhos, quase todos em caneta hidrográfica sobre papel, alguns poucos em pastel oleoso, são feitos a partir de fotografias, sempre posadas, com tomadas frontais, captadas pela própria Viviane, sempre com a anuência dos retratados. O desenho, malgrado o esquematismo e as deformações tão marcantes, próprias de Viviane Pasqual, não é exatamente caricatural. A artista não distorce por gosto. Ela trabalha sempre a partir da observação do mundo e dos acontecimentos, reelaborando o que vê a partir de uma ótica pessoal, essa, sim, meio torta e muito singular. Suas limitações representativas, sua incompreensão das convenções da perspectiva e sua interpretação pessoal da anatomia humana – tosca, digamos – asseguram o que seria o sabor mesmo e a força de sedução dessas imagens. Alguém, com pertinência, haveria de objetar que há, ali, uma deturpação demasiada. Os personagens resultam algo feios; seus traços, desproporcionais. Viviane, porém, posiciona-se no extremo oposto das ilustrações do século XIX que tantas vezes trataram os negros de forma grotesca ou jocosa. Prevalece, no caso de seus retratos de senegaleses, uma inclinação afetuosa. O depoimento da artista, lembrando seus primeiros contatos com os novos imigrantes, reitera essa disposição: “Era muito emocionante ver aqueles homens negros, magros e muito altos andando por Caxias. Eu sempre tinha a impressão de que estava vendo reis. Comecei a cumprimentar, e a devolução era sempre muito simpática e sorridente, coisa rara por aqui”.

ESCALA DE MONITORES VOLUNTÁRIOS ESPAÇO INCOMUM*

HORÁRIO/DIA	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
10:00-13:00	Gabriela Reis - Liliane Vieira	Thaísa Freitas - Paulo Oliveira	Debora de Jesus -	Giovanna de Lima - Giovanni Barbosa	Yasmin Fontes - Lorenzo S. Santos
14:00-17:00	Alef Lara - Ryan Cruz	Fernando Machado - Ana B. de Sá	Patrícia Souza - Mattos Junior	Helena Goglione - Ryan Cruz	Júlia Fernandes - Yasmin Fontes
17:00-20:00	Johnny - Ana Beatriz S. Lima	Jonny - Matheus Santiago	Ana Beatriz S. Lima	Carolina Fidelis - Jessica Bonora	Jessica Bonora - Matheus Santiago

*Sujeito a alterações

VOLUNTÁRIOS

Nome	Matrícula	Contato	Turno
Johnny R. Louz	82222	flocodearrozedfir@gmail.com	noite
Carolina Fidelis	135235	carolsf3@gmail.com	noite - quinta
Ana Beatriz S. Lima	149029	anabiaslima@hotmail.com	noite
Júlia Fernandes Pereira	149044	jf250737@gmail.com	tarde - sexta
Helena Goglione Domingues	149052	helenagoglione@gmail.com	tarde - terça/quinta
Yasmin Mariane F. Fontes	149034	yasminmffontes@gmail.com	sexta - manhã/tarde
Jessica Bonora	190232	jessicabonora11@gmail.com	noite
Matheus Santiago	140247	math_santiago@hotmail.com	noite
Fernando Machado	127661	nandodyow@gmail.com	terça - tarde/noite
Ana B. de Sá	127319	anabfurg@gmail.com	terça - tarde/noite
Alef Lara	155388	alefeduardolara@hotmail.com	tarde

Patrícia O. Souza	156901	patricia830@gmail.com	tarde
Ryan Matheus V. Cruz	154450	ryanmathe@gmail.com	tarde
Mattos Junior	156666	matos.junior@marinha.mil.br	tarde
Debora de Jesus Silva	130920	japorema25@gmail.com	manhã
Gabriela Simões Reis	147421	simoesgabriela99@gmail.com	manhã
Thaisa Freitas Corrêa	140222	freitascorreathaisa@gmail.com	manhã/tarde
Giovanna de Lima J.	132453	g.ginndlt@gmail.com	manhã/tarde
Liliane Vieira	147894	liliane.vieira2@gmail.com	manhã/tarde
Paulo Oliveira	149932	prosilva@gmail.com	manhã/tarde
Giovanni Barbosa	149935	giovannib.vendemalti@gmail.com	manhã/tarde
Lorenzo S. Santos	149925	lorenzo.soares02@gmail.com	manhã/tarde

PARA O VOLUNTÁRIO

ORIENTAÇÕES GERAIS

A monitoria deve prezar pela manutenção da galeria e das obras expostas. a monitoria deve receber a todos e disponibilizar-se para atender ao público.

A monitoria deve manter uma boa relação com os prestadores de serviço que realizam a vigilância e segurança da galeria, bem como a todos os tae, servidores e prestadores de serviço da furg.

A monitoria deve orientar aos visitantes que assinem o livro de assinaturas da exposição.

A monitoria deve verificar que os equipamentos estejam funcionando devidamente, bem como as luzes acesas, a abertura e fechamento das janelas.

EDUCATIVO

Para melhor atender as diretrizes educacionais e expográficas da exposição -Matéria Difusa - recorte Corporificações-, será disponibilizado um material didático elaborado pelo Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul - MACRS. Esse material didático terá como intuito instruir a comunidade sobre as obras expostas.

BOAS PRÁTICAS

conforme Gabryel Muniz

Olá pessoas: Trate os visitantes e servidores da FURG bem, todos gostam de ser bem recebidos em algum lugar.

Que o show comece: Ao chegar na galeria, abra as persianas e janelas, o show só começa quando as cortinas se abrem.

Respeitável público: Abra a frente da galeria para que nossos visitantes possam entrar.

Muita calma: Às vezes alguma sujeirinha pode aparecer nas obras, controle a sua vontade de limpar, pois cada obra gosta de ser tratada com carinho, isso inclui limpar com os materiais certos. Se verificar alguma irregularidade, faça um relatório e passe para o núcleo de exposições, somente o núcleo de exposições poderá realizar a limpeza e manutenção de uma obra. ***Salvo casos especiais***

TUTORIAL PARA LIGAR AS OBRAS COCA-COLA ÊRA ÊRA - ISABEL HAMIL PORNTech - JULHA FRANZ

Isabel Ramil – Coca cola, êra

The diagram features two remotes on the left: a white Epson Projector remote and a black Samsung TV remote. On the right, a screen displays a menu with options like 'VÍDEOS' and 'FOTOS'. A volume control bar is shown below the screen. Five numbered callout boxes provide instructions: 1. Ligate o projetor (points to the Epson remote's power button); 2. Ligue o DVD utilizando o seguinte (points to the Samsung remote's power button); 3. Na tela inicial, aperte a botão "A", e selecione IIDisk (points to the 'A' button on the Samsung remote); 4. Selecione a opção Vídeos e o (points to the 'VÍDEOS' option on the screen); 5. Ponha o volume entre os valores de (points to the volume bar). A final box at the bottom right states: 5. Em caso de problemas, reinicie os aparelhos utilizando o botão do passo 1 e 2 ou entre em contato com o Núcleo de Exposições.

1. Ligate o projetor
2. Ligue o DVD utilizando o seguinte
3. Na tela inicial, aperte a botão "A", e selecione IIDisk
4. Selecione a opção Vídeos e o
5. Ponha o volume entre os valores de

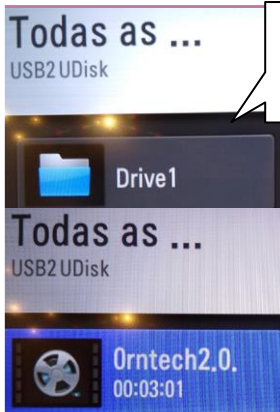
5. Em caso de problemas, reinicie os aparelhos utilizando o botão do passo 1 e 2 ou entre em contato com o Núcleo de Exposições.

Julha Franz – P0rntech



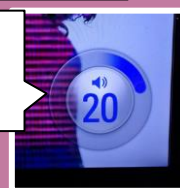
1. Ligue a televisão com o botão de energia

2. Com a tecla **INPUT**, selecione o modo **USB2**



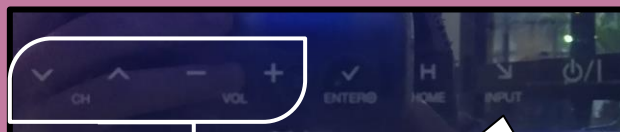
3. Selecione **Drive1** e reproduza o vídeo

4. Ponha o volume entre 15 e 20



5. Em caso de problemas, reinicie o aparelho utilizando o botão do passo 1 ou entre em contato com o Núcleo de Exposições.

Julha Franz – P0rntech



1. Ligue a televisão com o botão de energia

2. Com a tecla **INPUT** e utilizando as teclas de seta para cima e para baixo



3. Selecione **Drive1** e reproduza o vídeo

4. Ponha o volume entre 15 e 20



5. Em caso de problemas, reinicie o aparelho utilizando o botão do passo 1 ou entre em contato com o Núcleo de Exposições.

A **Galeria Espaço Incomum** e **Núcleo de Exposições** agradecemos seu
interesse e disponibilidade

Abaixo nosso email para contato:

nucleoexpo2@gmail.com